

## REFLEXÕES SOBRE A “GRAMÁTICA CORPORAL” DE ALUNOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NOTURNO

CLEOMAR FERREIRA GOMES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - UFMT).

### Resumo

O trabalho que trazemos a este fórum tem por objetivo suscitar uma reflexão, a partir dos dados de uma pesquisa feita com alunos e professores de Educação Física no Ensino Médio Noturno. Adotou-se uma tarefa etnográfica como o método por representar o caminho possível em virtude de sua especificidade descritiva e sua interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos e as suas ações no espaço em que ocorrem. Com esse método nos foi possível reconstruir, pela via da descrição minuciosa, a dinâmica cultural e as formas de socialidade encontradas nas aulas de Educação Física e no terreno da escola. Os resultados desse modus operandi oferecem um painel no trato de professores e alunos que deixa revelar uma gramática que se imprime através uma linguagem específica que se faz corporal. Eles se parecem em sua corporeidade: faltam-lhes uma “gramática corporal” e objetivos quanto aos conteúdos e à sua finalidade. À alusão ao futebol como único conteúdo, este ensaio “sai de campo” com pontos de reflexão que sinalizam um processo de educação e a constituição da linguagem do corpo, no terreno das práticas corporais manifestas ou latentes. Temos que olhar o corpo dos alunos, para discorrer sobre a maneira como eles o modelam, sobre as técnicas mágicas, religiosas, reais ou simbólicas que utilizam para mantê-lo e aperfeiçoar seus desempenhos. Essa leitura pode notar que “a gramática corporal” é impressa no corpo do aluno, a partir de experiências vivenciadas no cotidiano das aulas e influenciada pelos respectivos efeitos político-pedagógicos desse processo de formação do sujeito. Há uma distância entre a teoria acadêmica e a prática escolar, entre a crença do professor e o desejo do aluno, entre a tarefa do espírito e o exercício do corpo: ambigüidades presentes no vir-a-ser daquilo que constitui a “gramática corporal” exercida na escola noturna de todos os dias.

### Palavras-chave:

Linguagem corporal, Ensino Noturno, Educação Física.

### Introdução

Este ensaio resulta-se em síntese das observações feitas a respeito do lugar que a Educação Física ocupa no Ensino Médio Noturno. Neste nicho particular, os conteúdos desta disciplina (ensinados por seus professores e aprendidos pelos alunos) parecem uma *gramática* que se imprime através de saberes corporais, traduzidos no cotidiano das aulas — um conhecimento específico que se faz corporal. deixam

A quase inexistência de trabalhos que versam sobre as especificidades do ensino em relação aos conteúdos curriculares da Educação Física Escolar, acaba por suscitar uma questão que envolve a Formação de Professores e perpassa discussões no campo do currículo, dos saberes docentes, da intervenção

pedagógica do professor e dos sentidos simbólicos, portanto, sócio-culturais, das práticas corporais vivenciadas no espaço da aula de Educação Física e da escola.

Elegemos a Educação Física no período noturno, em função dos principais motivos. O primeiro por reconhecer-se que através do movimento corporal-gestual formativo, essa disciplina pode revelar e/ou reforçar padrões de pensamento, valores e crenças, bem como demonstrar a pertença cultural do indivíduo. Assim, ao se referir-se à escola, enquanto espaço privilegiado da expressão corporal, o pôr-se em movimento pode cimentar uma cultura do grupo, fazendo conjugar as expressões de uma "sociologia do corpo", como sugere o sociólogo do corpo David Le Breton (2006, p. 7) com sua máxima: "antes de qualquer coisa, a existência é corporal".

Um segundo motivo se orienta em razão da supervalorização do movimento corporal de forma mecânica e estilizada propagada em veículos de comunicação com as massas, como a escola e os *mass media*, que têm influenciado a forma como os adolescentes e os jovens estabelecem relações com as práticas corporais na atualidade.

Outro motivo não menos importante diz respeito ao movimentar-se de forma consciente, crítica, criativa, bem como, sua vivência de forma coletiva e lúdica. Compreendido como aquele que dá significado aos conhecimentos que devem ser diferentes fases de escolarização, esse mesmo movimento corporal tem ficado em segundo plano. aprendidos e "encarnados" no corpo do aluno, nas

A validação de uma cultura do "desempenho", invadindo o nosso cotidiano com a liturgia da competição exacerbada, condena o ócio criativo, a lentidão, a futilidade da vida. Impregnado de gestos prazerosos feitos à álea, que desenha o prazer de ser esportivo, como único e genuíno, esse movimento tem procurado abrigo nessa "sociedade individualizada", para ser caro à metáfora obsessiva de Bauman (2009).

Essas evidências apontadas pela pesquisa suscitou a tarefa de (re)pensar formas de educar, em especial, no âmbito da escola, buscando vê-las vinculadas com a vida e a realidade social e cultural do aluno, e voltadas para o desenvolvimento da criatividade, da crítica e de posturas éticas no aluno perante o mundo.

Esses aspectos conjunturais apareceram, a princípio, como fatores relevantes que investigados poderiam denunciar o papel pedagógico e curricular, assumidos pelos professores e pela disciplina de Educação Física. Em específico, como tem sido construída aquilo que cunhamos de "gramática corporal" do aluno

da Educação Básica, entendida como reflexo das formas de pensar, mover, conceber e expressar o movimento lúdico.

### **Fundamentos Teóricos**

A noção de uma Educação Física nesse período partiu-se da compreensão da educação, num plano mais geral como uma "prática basal" no dizer de Gomes (2004) e que, portanto, de caráter social. A escola, enquanto locus privilegiado de construções resultantes das ações humanas, acaba por constituir um espaço típico no qual se organizam e se expressam as linguagens pedagógicas específicas. históricas,

Na percepção de Dayrell (1996), a educação escolar pode ser descrita como um espaço sócio-cultural, ordenada pelo dinamismo de seus atores sociais e institucionalmente organizada por normas e regras que dirigem a ação desses sujeitos. No cotidiano se expressa por uma complexa rede de relações sociais que incluem a apropriação de normas, saberes e práticas elaboradas e reelaboradas no interior da própria cultura escolar, pela ação recíproca dos sujeitos que a configuram.

Neste contexto, se estabelece o primeiro contato com a educação física de forma sistematizada, conceituada e caracterizada como componente do currículo da educação escolarizada. Isso tudo significou tratar a educação física como uma área função didática específica: o ensino dos saberes e das práticas corporais pela via do corpo lúdico em movimento. curricular, dotada de

Não se pode esquecer que a Educação Física é entendida como uma disciplina do currículo da Educação Básica, estabelecida pela "Lei de Diretrizes e Bases da Educação" nº. 9.394/1996. No entanto, essa mesma Carta facultou ao aluno o direito em fazê-la no Ensino Médio Noturno, expressando uma suposta "obrigatoriedade" da manutenção de um currículo único e comum para os diferentes turnos escolares. É como se a Lei arbitrasse com uma mão e proscrisse com a outra.

Essa dubiedade em relação à situação legal da Educação Física como componente curricular é referendada posteriormente pelo Parecer nº 15/1998, que, numa retomada da LDB nº. 5.692/1971, novamente excluindo o aluno do Ensino Médio Noturno ao direito às manifestações da "cultura corporal", para lembrar um termo dileto a alguns teóricos de referenciais marxistas. Por sua vez, a Lei nº 10.328/2001 declara obrigatória a Educação Física no currículo do Ensino Básico,

mas que manteve a facultatividade da disciplina no Ensino Médio Noturno. O que nos interessa em questão neste ensaio, à guisa de um texto acadêmico, não está naquilo que a Lei reza, arbitra ou suprime, mas sim naquilo em que nós, professores da Educação Física, não fomos competentes para solidificar, uma "cultura corporal", ou preferindo dizer uma "gramática corporal".

Com o advento da Lei nº. 10.793/2003, essa facultatividade deixa de existir, porém, dispensa diversos corpos/alunos das aulas de Educação Física, por entendê-la numa dimensão estritamente prática: maiores de trinta anos, pessoas que tenham filhos, que trabalhem mais de trinta horas por dia, que prestem serviço militar e que tenham algum tipo de enfermidade/incapacidade física. Destacamos assim, que a Educação Física fica condicionada ao contexto impositivo das leis, não se legitimando pela sua importância para vida dos sujeitos. Não somos importantes porque nenhum aluno veio "exigir" a sua prática. O que significa dizer pela pena de Mauss (1974) que "o corpo aprende com cada sociedade específica, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada que o ensina". Assim, o que se ensina ao corpo, cunhado de "técnicas corporais" nele se expressa nas formas de andar, nadar, dormir, caçar, guerrear, dançar...

De forma mais concisa, Gomes (2004) esclarece que os termos corporeidade e ludicidade são entendidos como a primeira por dizer de uma expressão, considerando que todo evento experimentado pelos sentidos deixa no corpo as marcas que são por uma linguagem, que se traduz em movimentos. A segunda por considerar-se como uma "ferramenta" didática para olhar esse corpo que além de esquemas racionais se sinta/pensa lúdico. expressas

No campo da educação física escolar a discussão é proposta pela via dos estudos de Gomes (2001), Daolio (1995) e Grando (1997) que a reconhecem "enquanto campo de vivências e experiências sociais que trata no interior da escola de temas da 'cultura corporal'". Cada autor com suas metáforas são livres para "ler" o corpo como objeto de estudo e a expressão corporal como linguagem", portanto, a educação física se comporta como "um espaço privilegiado de expressão corporal", de uma imagem e de uma gramática corporal.

sendo "seu

### **Uma Metodologia Possível**

Atrevemos a escrever este ensaio com base na interpretação qualitativa, à inspiração das posições de Minayo (1994) quando sugere que esse tipo de abordagem faz uma viagem profunda no mundo dos significados, das ações e das

relações humanas, para iluminar um lado não perceptível em equações, médias e estatísticas, tão afetas ao campo das ciências naturais. Como a apreensão dos comportamentos lúdico-corporais nesse ensaio, nos valeu a compreensão do quanto são simbólicas essas condutas corporais dos homens.

Adotamos, portanto, uma tarefa etnográfica como método por representar o “caminho” que em virtude de sua especificidade descritiva, comunga com a interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos e as suas ações, no espaço em que ocorrem. Pensou-se ainda, em utilizar a etnografia como método científico porque achamos capaz de reconstruir, pela via da descrição minuciosa, a dinâmica cultural e as formas de socialidade encontradas nas aulas de Educação Física e no terreno da escola. Além disso, supomos que essa escolha possibilitaria conhecer melhor o processo de construção da linguagem corporal do aluno, através de uma “descrição densa” para ser caro ao termo de Geertz (1990). Daí um estudo de caso e do tipo etnográfico, constitui como um modelo que persiste numa base comum de análise e interpretação da construção de universos simbólicos específicos, como ocorre nas escolas do Ensino Médio Noturno. dos investigativo,

As escolas do interior do Estado de Mato Grosso, que recebem alunos do centro, da periferia, e oriundos da zona rural, destacam-se que esses “sujeitos” se parecem, no trato com a educação física, quando são observados, fotografados e entrevistados. Eles adotam um estereótipo singular quanto ao que se espera da disciplina quanto de reserva de “história corporal” tem acumulado durante a sua existência escolar. É o mesmo que dizer que eles se parecem em sua corporeidade: falta-lhes uma “gramática corporal”, faltam-lhes enxergar objetivos concretos diante da disciplina quanto aos seus conteúdos e à sua finalidade. Afinal, para que servem essas aulas? Para entretenimento, para “tampões” de aulas vagas, para preencher um tempo ocioso, ou como diz Maffesoli para realizar um “ser-estar-junto” das “tribos” que ali se juntam? Algumas análises a seguir mostrar esses aspectos. e podem

### **O dizer de alunos e o fazer de professores – a dificuldade de a educação física imprimir sua gramática além do futebol**

Esse ensaio possibilitou perceber os aspectos que influenciam o *modus operandi* da Educação Física no currículo (patente e latente) do Ensino Médio Noturno, dotando-lhe de determinada face pedagógica que mostra a importância de sua “sobrevivência” no currículo escolar. No espaço da pesquisa, o “olhar” investigativo se mobilizou pela intenção de suscitar proposições referentes às questões do cotidiano escolar, em que se insere a Educação Física e as formas de enxergá-las nos “espaços perdidos” do Ensino Médio Noturno. Não apenas em termos legislatórios, mas em função do caráter da prática de ensino do professor ao entremeter-se pedagogicamente no ensino de conteúdos desse campo, supomos a redução do número de aulas de Educação Física ao longo das etapas obrigatórias da Educação Básica, como nos foi possível perceber pela denúncia de algumas falas. Um dos alunos nos disse que quando fez o Ensino Médio Noturno, as aulas de Educação Física eram sempre na sexta-feira, três vezes por semana, mas sempre no fim do turno.

Para Barni e Schneider (2003) a Educação Física no Ensino Médio, e em especial no Noturno, encontra-se em uma situação desconfortável, parece não ser de fundamental importância à educação do aluno, pois a Lei o facultava a fazê-la, o que não ocorre com aulas de Matemática, História, Português ou Geografia. Seria uma contradição da Lei? O que faz a Lei entender que aulas de Geografia e História serem mais importantes para os saberes corporais desses alunos que aulas de Educação Física e Artes, por exemplo? Seria porque as aulas de Educação Física ainda não legitimaram um “conhecimento” que faça sentido à linguagem corporal de seus alunos e que seja “reconhecido” pela sociedade?

Entendeu-se que parte dos problemas relacionados à presença da Educação Física no Ensino Básico refere-se ao trabalho pedagógico do professor, reflexo de sua formação inicial. Nota-se que os currículos dos Cursos Superiores de Formação de Educação Física, apesar de algumas reformulações de seus currículos, ainda se orientam por um cânone biomédico de Educação Física para a escola e a sociedade.

A fala de uma professora revela que não há uma preparação específica em nível de graduação para atuar no Ensino Médio. Já em nível de aperfeiçoamento faltam oportunidades e possibilidades concretas de capacitação profissional, tanto por iniciativa ou ação dos órgãos gestores da educação, da escola e por interesse dos professores, para atuação no Ensino Médio, em especial, no período noturno. Todos esses aspectos implicam na presença ou na ausência da Escola e do Ensino Médio na vida do aluno.

Apesar de os Documentos Nacionais de Orientação Curricular (BRASIL, 1999) perspectivarem a criação de uma escola média com identidade que atenda às expectativas de formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo, não há professores que se capacitem para atuar neste período médio noturno. São raros os programas de formação que se empenhem em discussões sobre as especificidades e as peculiaridades de cada período de ensino. Bandeira (2000) diz que o trabalho docente tende a balizar-se pela repetição *ad nauseam* de um parco programa de conteúdos com textos surrados, fragmentados e caducos demais para as transformações sociais.

Lamentavelmente a presença da Educação Física na Educação Escolar Noturna apareceu na fala dos alunos como mais uma disciplina a ser concluída sem muito bem saber para quê ou o porquê; ou como um componente curricular de menos gosto para aqueles que não se identificaram com os chamados esportes

olímpicos; ou de não identificação ou sobre o qual os alunos parecem menos saber sobre o seu papel ou função na vida. Em resposta à falta de sentido da Escola na vida desses alunos que cursam o Ensino Médio Noturno, verificou-se que o tipo de ensino e os conteúdos ensinados, com importantes exceções, não são pensados em função do aluno e suas necessidades ou interesses e quando são, dificilmente se percebe materializados na prática.

Considera-se aqui uma falta de sentido e de significado dos conteúdos curriculares e das práticas culturais vivenciadas pelo aluno, na Escola Média Noturna, no fazer cotidiano das aulas de Educação Física. Os alunos não reconheceram a Educação Física como uma área do conhecimento que institui o ensino das manifestações da "cultura corporal de movimento", como dimensões da linguagem do corpo que se efetiva pela vivência das práticas corporais.

As falas dos sujeitos entrevistados no ensaio confirmam essa situação. "Na educação física é um brincar, porque a gente vai aprender e na mesma hora tá distraído..." "vem do trabalho com a cabeça preocupada... chega ali, vai distrai". Para esse aluno o entretenimento é o que faz sentido nas aulas. Outro diz que a Educação Física não é pensada como disciplina: "Assim vamos lá jogar, né?" Pensa mais no jogo/brincadeira do que na disciplina.

Outro modelo de aluno para essa disciplina revela um único sentido encontrado no trato com a disciplina: são aqueles alunos que parecem "drogados" pelamim? ai... você meu apertou, é uma disciplina... Ah! Que trabalha mais na área que é Educação Física?" "Os jogos de esporte". "Ai, eu gosto... ai, jogar vôlei mais o Futsal... Jogo bola todo domingo". "Jogo bola a semana inteira na escola e no domingo no campo". bola. "Para do esporte. O

Tal como Oliveira (1998) constatou em pesquisa que o interesse, a motivação e a identificação pelas práticas corporais, no ensino noturno, decrescem à medida que o aluno se torna adolescente. No caso deste ensaio identificou-se que isso ocorre principalmente porque a vivência com as práticas corporais, advindas dos esportes, das danças, das lutas e de outras manifestações culturais, pouco estabelecem vínculos com as experiências diárias do sujeito no contexto extra-escolar. Como um aluno pode enxergar no gesto motor de um drible todo um gingado ou meneio que sejam importantes para a labuta de sua vida comum? Talvez esteja aí na fala dos entrevistados um "não saber" como a Educação Física influencia o seu dia-a-dia. E não conseguindo enxergar uma utilidade prática, fica

esvaziado de sentido o seu fazer cotidiano, não fornecendo exemplos substantivos de sua aplicação.

As falas dos alunos entrevistados levaram à verificação de um quadro de total descrédito da disciplina nesse período de ensino da Educação Básica, uma quase total rejeição e alienação da Educação Física e seu papel na formação do aluno, marcado pela rejeição ou compreensão unilateral das práticas corporais que no contexto das aulas observadas resumiram-se à presença do futebol de salão.

Diante da emergência da vida, da fluidez desses “tempos líquidos”, como pontua Bauman, do trabalho e do vestibular não há porque perder tempo, principalmente, com uma atividade incerta e improdutiva como o jogo, relacionada, segundo a sociedade produtiva do século XXI, a uma atividade do tempo de infância e que não tem “espaço” no currículo escolar. Muitos desses alunos não revelaram preocupação com o brincar em suas vidas. Não é tempo de brincar, e até mesmo estranharam ou mostraram-se desconfiados e inseguros ao serem indagados sobre essa questão.

Este ensaio mostra que existem diversas outras formas “veladas” de exclusão da Educação Física do currículo do Ensino Noturno, mesmo quando se acredita estar presente. Uma dessas possibilidades são as aulas em horários extracurriculares, após a jornada de ensino, geralmente por volta das 23 horas, ou aos sábados, o que dificulta a permanência dos alunos nas aulas por diferentes queixas: moram longe das escolas e precisam acordar cedo para trabalhar no outro dia; os pais, temendo a violência urbana, não autorizam a permanência de seus filhos na escola, mormente, das meninas; outros moram na zona rural e dependem do transporte escolar coletivo que não espera o término da aula de Educação Física ou não se deslocam até lá aos sábados; muitos trabalham seis dias por semana, o que incluem o sábado; no caso das meninas, “em função” das tarefas domésticas — fruto de nossa herança cultural— não freqüentam as aulas nos sábados, pois é o dia de cuidar da toaleta doméstica e pessoal; há ainda, o caso de alunos que por motivos religiosos não participarem das aulas aos sábados. Com todas essas justificativas, a Educação Física, acaba se tornando um “privilégio” para quem tem melhores condições econômicas.

Outro aspecto observado e tratado pelos professores como a forma absoluta de ser e estar da Educação Física é o futebol. A identidade curricular da educação física se confunde e se restringe ao jogar futebol. Essa prática corporal agrega e capitaliza em si os interesses dos adolescentes, jovens e adultos do

Ensino Noturno. É possível por alguns depoimentos notar esse monopólio da bola: “Para mim é igual eu falei, é jogar bola... quando eu falei em Educação Física, eu falei em jogar bola”. Verifica-se a partir de interpretações como essas que a inserção da Educação Física no Ensino Médio Noturno se liga à prática do futebol. A escolha desse conteúdo aparece na oficina da aula como consequência da crença do professor, por ter o futebol uma ligação visceral com a nossa cultura. Somos assim “uma pátria de chuteiras” como ironiza o cronista Nelson Rodrigues.

Outro aspecto faz perceber que a presença do futebol representa as marcas da cultura da vida local, na qual, esta prática é valorizada e percebida como componente da própria identidade do sujeito naquela comunidade. De forma específica, o universo do futebol aparece como um forte fator que gera um sentimento de pertença no grupo de alunos que freqüentam estas aulas e implica no estabelecimento de uma rede de relações sociais, fora e dentro da quadra e da escola, portanto, assume outras dimensões e outros significados para a turma. Essa prática surgiu entre os alunos com o caráter de brincadeira, de exercitar o corpo com prazer, de fornecer sentido e significado à linguagem do corpo em movimento. Esse movimento apontou ser a “gramática” do corpo, aprendida pelo aluno dessas escolas em virtude não só pela ação da cultura local, mas pela falta de compreensão didático-pedagógica da Educação Física Escolar com o ensino dos demais conteúdos da “cultura corporal”.

### **Alguns Desvelamentos**

À alusão de um jogo de futebol, este ensaio “sai de campo” com alguns pontos de reflexão que sinalizam que estudar o processo de educação e constituição da linguagem do corpo, no terreno das práticas corporais manifestas ou latentes na forma de conteúdos curriculares da Educação Física, enquanto disciplina do Ensino Médio Noturno, na escola, requer lembrar aquilo que nos ensina Rivière (1996): temos que olhar o *corpos* sobre a maneira como os homens o modelam, sobre as técnicas mágicas, religiosas, reais ou simbólicas que utilizam para mantê-lo e aperfeiçoar seus desempenhos”. Talvez aí possamos “compreender as maneiras como os homens, segundo as diferentes sociedades, se serviram de seus corpos”. Essa leitura pode notar que “a gramática corporal” é impressa no corpo do aluno, a partir de experiências vivenciadas no cotidiano das aulas, e influenciada pelos respectivos efeitos político-pedagógicos desse processo de formação do sujeito. das pessoas, em especial aqui dos alunos, “para discorrer

Os aspectos analisados nos asseguraram que realizar um estudo dos conteúdos ensinados nas aulas de Educação Física, representa um possível caminho para repensar o papel social assumido pelos cursos de formação, em especial, de Educação Física e pela possibilidade de vir a serem os resultados de um relato motivador para reflexões a serem empreendidas por professores, alunos e pesquisadores.

A compreensão da linguagem própria do corpo no cotidiano da escola e da influência dos aspectos mencionados ao longo desse ensaio, em específico, aos respectivos efeitos políticos desse processo sobre a formação do sujeito, põe em saída do terreno da investigação uma contribuição com a discussão sobre as dimensões e as implicações das tarefas pedagógicas da Educação Física como elemento do currículo escolar que estimule o debate com perspectivas teórico-didáticas de proposições de formação de professores nessa área. Ao compreender a distância entre a teoria acadêmica-prática escolar, entre a crença do professor e o desejo do aluno, entre a tarefa do espírito e o exercício do corpo, posições que parecem antagônicas no vir-a-ser daquilo que constitui a “gramática corporal” exercida na escola noturna de todos os dias, é talvez aí que está a lição que nos deixa Gudsdorf: “no confronto de cada um consigo mesmo”. e a

## Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

BANDEIRA, Maria de L. **Antropologia**. Fascículo 1, 2, 3 e 4. Cuiabá: EDUFMT, 2000.

BARNI, Mara J. e SCHNEIDER, Ernani J. **A educação física no ensino médio: Relevante ou irrelevante?** Instituto Catarinense de Pós-Graduação. vol. 1, n.º. 03, ago-dez/2003. Disponível em: [www.icpg.com.br](http://www.icpg.com.br). Acesso em 20/09/2007.

BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualiza: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

Le Breton, David. **Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. BeloHorizonte: EdUFMG, 1996.

GOMES, Cleomar Ferreira. **Aulas de educação física para o ensino fundamental: um estudo sobre sua gramática corporal**. Cuiabá: EdUFMT, 2006, V. III, p. 193-205.

MAUSS, Marcel **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

MINAYO, Maria C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, A. B. **Educação Física no Ensino Noturno de 2º. Grau: um estudo participativo**. Campinas, 1998 – Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.

SOARES, Carmem L. (org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2000.

## Introdução

Este ensaio resulta-se em síntese das observações feitas a respeito do lugar que a Educação Física ocupa no Ensino Médio Noturno. Neste nicho particular, os conteúdos desta disciplina (ensinados por seus professores e aprendidos pelos alunos) deixam parecer uma *gramática* que se imprime através de saberes corporais, traduzidos no cotidiano das aulas — um conhecimento específico que se faz corporal.

A quase inexistência de trabalhos que versam sobre as especificidades do ensino em relação aos conteúdos curriculares da Educação Física Escolar, acaba por suscitar uma questão que envolve a Formação de Professores e perpassa discussões no campo do currículo, dos saberes docentes, da intervenção pedagógica do professor e dos sentidos simbólicos, portanto, sócio-culturais, das práticas corporais vivenciadas no espaço da aula de Educação Física e da escola.

Elegemos a Educação Física no período noturno, em função dos principais motivos. O primeiro por reconhecer-se que através do movimento corporal-gestual formativo, essa disciplina pode revelar e/ou reforçar padrões de pensamento, valores e crenças, bem como demonstrar a pertença cultural do indivíduo. Assim, ao se referir-se à escola, enquanto espaço privilegiado da expressão corporal, o pôr-se em movimento pode cimentar uma cultura do grupo, fazendo conjugar as expressões de uma “sociologia do corpo”, como sugere o sociólogo do corpo David Le Breton (2006, p. 7) com sua máxima: “antes de qualquer coisa, a existência é corporal”.

Um segundo motivo se orienta em razão da supervalorização do movimento corporal de forma mecânica e estilizada propalada em veículos de comunicação com as massas, como a escola e os *mass media*, que têm influenciado a forma como os adolescentes e os jovens estabelecem relações com as práticas corporais na atualidade.

Outro motivo não menos importante diz respeito ao movimentar-se de forma consciente, crítica, criativa, bem como, sua vivência de forma coletiva e lúdica. Compreendido como aquele que dá significado aos conhecimentos que devem ser aprendidos e “encarnados” no corpo do aluno, nas diferentes fases de escolarização, esse mesmo movimento corporal tem ficado em segundo plano.

A validação de uma cultura do “desempenho”, invadindo o nosso cotidiano com a liturgia da competição exacerbada, condena o ócio criativo, a lentidão, a futilidade da vida. Impregnado de gestos prazerosos feitos à álea, que desenha o prazer de ser esportivo, como

único e genuíno, esse movimento tem procurado abrigo nessa “sociedade individualizada”, para ser caro à metáfora obsessiva de Bauman (2009).

Essas evidências apontadas pela pesquisa suscitou a tarefa de (re)pensar formas de educar, em especial, no âmbito da escola, buscando vê-las vinculadas com a vida e a realidade social e cultural do aluno, e voltadas para o desenvolvimento da criatividade, da crítica e de posturas éticas no aluno perante o mundo.

Esses aspectos conjunturais apareceram, a princípio, como fatores relevantes que investigados poderiam denunciar o papel pedagógico e curricular, assumidos pelos professores e pela disciplina de Educação Física. Em específico, como tem sido construída aquilo que cunhamos de “gramática corporal” do aluno da Educação Básica, entendida como reflexo das formas de pensar, mover, conceber e expressar o movimento lúdico.

### **Fundamentos Teóricos**

A noção de uma Educação Física nesse período partiu-se da compreensão da educação, num plano mais geral como uma “prática basal” no dizer de Gomes (2004) e que, portanto, de caráter social. A escola, enquanto lócus privilegiado de construções históricas, resultantes das ações humanas, acaba por constituir um espaço típico no qual se organizam e se expressam as linguagens pedagógicas específicas.

Na percepção de Dayrell (1996), a educação escolar pode ser descrita como um espaço sócio-cultural, ordenada pelo dinamismo de seus atores sociais e institucionalmente organizada por normas e regras que dirigem a ação desses sujeitos. No cotidiano se expressa por uma complexa rede de relações sociais que incluem a apropriação de normas, saberes e práticas elaboradas e reelaboradas no interior da própria cultura escolar, pela ação recíproca dos sujeitos que a configuram.

Neste contexto, se estabelece o primeiro contato com a educação física de forma sistematizada, conceituada e caracterizada como componente do currículo da educação escolarizada. Isso tudo significou tratar a educação física como uma área curricular, dotada de função didática específica: o ensino dos saberes e das práticas corporais pela via do corpo lúdico em movimento.

Não se pode esquecer que a Educação Física é entendida como uma disciplina do currículo da Educação Básica, estabelecida pela "Lei de Diretrizes e Bases da Educação" nº. 9.394/1996. No entanto, essa mesma Carta faculta ao aluno o direito em fazê-la no Ensino Médio Noturno, expressando uma suposta "obrigatoriedade" da manutenção de um currículo

único e comum para os diferentes turnos escolares. É como se a Lei arbitrasse com uma mão e proscrevesse com a outra.

Essa dubiedade em relação à situação legal da Educação Física como componente curricular é referendada posteriormente pelo Parecer nº 15/1998, que, numa retomada da LDB nº. 5.692/1971, novamente excluindo o aluno do Ensino Médio Noturno ao direito às manifestações da “cultura corporal”, para lembrar um termo dileto a alguns teóricos de referenciais marxistas. Por sua vez, a Lei nº 10.328/2001 declara obrigatória a Educação Física no currículo do Ensino Básico, mas que manteve a facultatividade da disciplina no Ensino Médio Noturno. O que nos interessa em questão neste ensaio, à guisa de um texto acadêmico, não está naquilo que a Lei reza, arbitra ou suprime, mas sim naquilo em que nós, professores da Educação Física, não fomos competentes para solidificar, uma "cultura corporal", ou preferindo dizer uma "gramática corporal".

Com o advento da Lei nº. 10.793/2003, essa facultatividade deixa de existir, porém, dispensa diversos corpos/alunos das aulas de Educação Física, por entendê-la numa dimensão estritamente prática: maiores de trinta anos, pessoas que tenham filhos, que trabalhem mais de trinta horas por dia, que prestem serviço militar e que tenham algum tipo de enfermidade/incapacidade física. Destacamos assim, que a Educação Física fica condicionada ao contexto impositivo das leis, não se legitimando pela sua importância para vida dos sujeitos. Não somos importantes porque nenhum aluno veio “exigir” a sua prática. O que significa dizer pela pena de Mauss (1974) que “o corpo aprende com cada sociedade específica, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada que o ensina”. Assim, o que se ensina ao corpo, cunhado de “técnicas corporais” nele se expressa nas formas de andar, nadar, dormir, caçar, guerrear, dançar...

De forma mais concisa, Gomes (2004) esclarece que os termos corporeidade e ludicidade são entendidos como a primeira por dizer de uma expressão, considerando que todo evento experimentado pelos sentidos deixa no corpo as marcas que são expressas por uma linguagem, que se traduz em movimentos. A segunda por considerar-se como uma “ferramenta” didática para olhar esse corpo que além de esquemas racionais se sinta/pensa lúdico.

No campo da educação física escolar a discussão é proposta pela via dos estudos de Gomes (2001), Daolio (1995) e Grandó (1997) que a reconhecem “enquanto campo de vivências e experiências sociais que trata no interior da escola de temas da ‘cultura corporal’”. Cada autor com suas metáforas são livres para “ler” o corpo como sendo “seu objeto de estudo e a expressão corporal como linguagem”, portanto, a educação física se comporta

como “um espaço privilegiado de expressão corporal”, de uma imagem e de uma gramática corporal.

### **Uma Metodologia Possível**

Atrevemos a escrever este ensaio com base na interpretação qualitativa, à inspiração das posições de Minayo (1994) quando sugere que esse tipo de abordagem faz uma viagem profunda no mundo dos significados, das ações e das relações humanas, para iluminar um lado não perceptível em equações, médias e estatísticas, tão afetas ao campo das ciências naturais. Como a apreensão dos comportamentos lúdico-corporais nesse ensaio, nos valeu a compreensão do quanto são simbólicas essas condutas corporais dos homens.

Adotamos, portanto, uma tarefa etnográfica como método por representar o “caminho” que em virtude de sua especificidade descritiva, comunga com a interpretação dos significados atribuídos pelos sujeitos e as suas ações, no espaço em que ocorrem. Pensou-se ainda, em utilizar a etnografia como método científico porque achamos capaz de reconstruir, pela via da descrição minuciosa, a dinâmica cultural e as formas de socialidade encontradas nas aulas de Educação Física e no terreno da escola. Além disso, supomos que essa escolha possibilitaria conhecer melhor o processo de construção da linguagem corporal do aluno, através de uma “descrição densa” para ser caro ao termo de Geertz (1990). Daí um estudo de caso e do tipo etnográfico, constitui como um modelo investigativo, que persiste numa base comum de análise e interpretação da construção de universos simbólicos específicos, como ocorre nas escolas do Ensino Médio Noturno.

As escolas do interior do Estado de Mato Grosso, que recebem alunos do centro, da periferia, e oriundos da zona rural, destacam-se que esses “sujeitos” se parecem, no trato com a educação física, quando são observados, fotografados e entrevistados. Eles adotam um estereótipo singular quanto ao que se esperam da disciplina e quanto de reserva de “história corporal” tem acumulado durante a sua existência escolar. É o mesmo que dizer que eles se parecem em sua corporeidade: falta-lhes uma “gramática corporal”, faltam-lhes enxergar objetivos concretos diante da disciplina quanto aos seus conteúdos e à sua finalidade. Afinal, para que servem essas aulas? Para entretenimento, para “tampões” de aulas vagas, para preencher um tempo ocioso, ou como diz Maffesoli para realizar um “ser-estar-junto” das “tribos” que ali se juntam? Algumas análises a seguir podem mostrar esses aspectos.

**O dizer de alunos e o fazer de professores – a dificuldade de a educação física imprimir sua gramática além do futebol**

Esse ensaio possibilitou perceber os aspectos que influenciam o *modus operandi* da Educação Física no currículo (patente e latente) do Ensino Médio Noturno, dotando-lhe de determinada face pedagógica que mostra a importância de sua “sobrevivência” no currículo escolar. No espaço da pesquisa, o “olhar” investigativo se mobilizou pela intenção de suscitar proposições referentes às questões do cotidiano escolar, em que se insere a Educação Física e as formas de enxergá-las nos “espaços perdidos” do Ensino Médio Noturno. Não apenas em termos legislatórios, mas em função do caráter da prática de ensino do professor ao entremeter-se pedagogicamente no ensino de conteúdos desse campo, supomos a redução do número de aulas de Educação Física ao longo das etapas obrigatórias da Educação Básica, como nos foi possível perceber pela denúncia de algumas falas. Um dos alunos nos disse que quando fez o Ensino Médio Noturno, as aulas de Educação Física eram sempre na sexta-feira, três vezes por semana, mas sempre no fim do turno.

Para Barni e Schneider (2003) a Educação Física no Ensino Médio, e em especial no Noturno, encontra-se em uma situação desconfortável, parece não ser de fundamental importância à educação do aluno, pois a Lei o facultava de fazê-la, o que não ocorre com aulas de Matemática, História, Português ou Geografia. Seria uma contradição da Lei? O que faz a Lei entender que aulas de Geografia e História serem mais importantes para os saberes corporais desses alunos que aulas de Educação Física e Artes, por exemplo? Seria porque as aulas de Educação Física ainda não legitimaram um “conhecimento” que faça sentido à linguagem corporal de seus alunos e que seja “reconhecido” pela sociedade?

Entendeu-se que parte dos problemas relacionados à presença da Educação Física no Ensino Básico refere-se ao trabalho pedagógico do professor, reflexo de sua formação inicial. Nota-se que os currículos dos Cursos Superiores de Formação de Educação Física, apesar de algumas reformulações de seus currículos, ainda se orientam por um cânone biomédico de Educação Física para a escola e a sociedade.

A fala de uma professora revela que não há uma preparação específica em nível de graduação para atuar no Ensino Médio. Já em nível de aperfeiçoamento faltam oportunidades e possibilidades concretas de capacitação profissional, tanto por iniciativa ou ação dos órgãos gestores da educação, da escola e por interesse dos professores, para atuação no Ensino Médio, em especial, no período noturno. Todos esses aspectos implicam na presença ou na ausência da Escola e do Ensino Médio na vida do aluno.

Apesar de os Documentos Nacionais de Orientação Curricular (BRASIL, 1999) perspectivarem a criação de uma escola média com identidade que atenda às expectativas de

formação escolar dos alunos para o mundo contemporâneo, não há professores que se capacitem para atuar neste período médio noturno. São raros os programas de formação que se empenhem em discussões sobre as especificidades e as peculiaridades de cada período de ensino. Bandeira (2000) diz que o trabalho docente tende a balizar-se pela repetição *ad nauseam* de um parco programa de conteúdos com textos surrados, fragmentados e caducos demais para as transformações sociais.

Lamentavelmente a presença da Educação Física na Educação Escolar Noturna apareceu na fala dos alunos como mais uma disciplina a ser concluída sem muito bem saber para quê ou o porquê; ou como um componente curricular de menos gosto para aqueles que não se identificaram com os chamados esportes olímpicos; ou de não identificação ou sobre o qual os alunos parecem menos saber sobre o seu papel ou função na vida. Em resposta à falta de sentido da Escola na vida desses alunos que cursam o Ensino Médio Noturno, verificou-se que o tipo de ensino e os conteúdos ensinados, com importantes exceções, não são pensados em função do aluno e suas necessidades ou interesses e quando são, dificilmente se percebe materializados na prática.

Considera-se aqui uma falta de sentido e de significado dos conteúdos curriculares e das práticas culturais vivenciadas pelo aluno, na Escola Média Noturna, no fazer cotidiano das aulas de Educação Física. Os alunos não reconheceram a Educação Física como uma área do conhecimento que institui o ensino das manifestações da “cultura corporal de movimento”, como dimensões da linguagem do corpo que se efetiva pela vivência das práticas corporais.

As falas dos sujeitos entrevistados no ensaio confirmam essa situação. “Na educação física é um brincar, porque a gente vai aprender e na mesma hora tá distraindo...” “vem do trabalho com a cabeça preocupada... chega ali, vai distrai”. Para esse aluno o entretenimento é o que faz sentido nas aulas. Outro diz que a Educação Física não é pensada como disciplina: “Assim vamos lá jogar, né?” Pensa mais no jogo/brincadeira do que na disciplina.

Outro modelo de aluno para essa disciplina revela um único sentido encontrado no trato com a disciplina: são aqueles alunos que parecem “drogados” pela bola. “Para mim? ai... você meu apertou, é uma disciplina... Ah! Que trabalha mais na área do esporte. O que é Educação Física?” “Os jogos de esporte”. “Ai, eu gosto... ai, jogar vôlei mais o Futsal... Jogo bola todo domingo”. “Jogo bola a semana inteira na escola e no domingo no campo”.

Tal como Oliveira (1998) constatou em pesquisa que o interesse, a motivação e a identificação pelas práticas corporais, no ensino noturno, decrescem à medida que o aluno se torna adolescente. No caso deste ensaio identificou-se que isso ocorre principalmente porque

a vivência com as práticas corporais, advindas dos esportes, das danças, das lutas e de outras manifestações culturais, pouco estabelecem vínculos com as experiências diárias do sujeito no contexto extra-escolar. Como um aluno pode enxergar no gesto motor de um drible todo um gingado ou meneio que sejam importantes para a labuta de sua vida comum? Talvez esteja aí na fala dos entrevistados um “não saber” como a Educação Física influencia o seu dia-a-dia. E não conseguindo enxergar uma utilidade prática, fica esvaziado de sentido o seu fazer cotidiano, não fornecendo exemplos substantivos de sua aplicação.

As falas dos alunos entrevistados levaram à verificação de um quadro de total descrédito da disciplina nesse período de ensino da Educação Básica, uma quase total rejeição e alienação da Educação Física e seu papel na formação do aluno, marcado pela rejeição ou compreensão unilateral das práticas corporais que no contexto das aulas observadas resumiram-se à presença do futebol de salão.

Diante da emergência da vida, da fluidez desses “tempos líquidos”, como pontua Bauman, do trabalho e do vestibular não há porque perder tempo, principalmente, com uma atividade incerta e improdutiva como o jogo, relacionada, segundo a sociedade produtiva do século XXI, a uma atividade do tempo de infância e que não tem “espaço” no currículo escolar. Muitos desses alunos não revelaram preocupação com o brincar em suas vidas. Não é tempo de brincar, e até mesmo estranharam ou mostraram-se desconfiados e inseguros ao serem indagados sobre essa questão.

Este ensaio mostra que existem diversas outras formas “veladas” de exclusão da Educação Física do currículo do Ensino Noturno, mesmo quando se acredita estar presente. Uma dessas possibilidades são as aulas em horários extracurriculares, após a jornada de ensino, geralmente por volta das 23 horas, ou aos sábados, o que dificulta a permanência dos alunos nas aulas por diferentes queixas: moram longe das escolas e precisam acordar cedo para trabalhar no outro dia; os pais, temendo a violência urbana, não autorizam a permanência de seus filhos na escola, mormente, das meninas; outros moram na zona rural e dependem do transporte escolar coletivo que não espera o término da aula de Educação Física ou não se deslocam até lá aos sábados; muitos trabalham seis dias por semana, o que incluem o sábado; no caso das meninas, “em função” das tarefas domésticas — fruto de nossa herança cultural — não freqüentam as aulas nos sábados, pois é o dia de cuidar da toailete doméstica e pessoal; há ainda, o caso de alunos que por motivos religiosos não participem das aulas aos sábados. Com todas essas justificativas, a Educação Física, acaba se tornando um “privilégio” para quem tem melhores condições econômicas.

Outro aspecto observado e tratado pelos professores como a forma absoluta de ser e estar da Educação Física é o futebol. A identidade curricular da educação física se confunde e se restringe ao jogar futebol. Essa prática corporal agrega e capitaliza em si os interesses dos adolescentes, jovens e adultos do Ensino Noturno. É possível por alguns depoimentos notar esse monopólio da bola: “Para mim é igual eu falei, é jogar bola... quando eu falei em Educação Física, eu falei em jogar bola”. Verifica-se a partir de interpretações como essas que a inserção da Educação Física no Ensino Médio Noturno se liga à prática do futebol. A escolha desse conteúdo aparece na oficina da aula como consequência da crença do professor, por ter o futebol uma ligação visceral com a nossa cultura. Somos assim “uma pátria de chuteiras” como ironiza o cronista Nelson Rodrigues.

Outro aspecto faz perceber que a presença do futebol representa as marcas da cultura da vida local, na qual, esta prática é valorizada e percebida como componente da própria identidade do sujeito naquela comunidade. De forma específica, o universo do futebol aparece como um forte fator que gera um sentimento de pertença no grupo de alunos que freqüentam estas aulas e implica no estabelecimento de uma rede de relações sociais, fora e dentro da quadra e da escola, portanto, assume outras dimensões e outros significados para a turma. Essa prática surgiu entre os alunos com o caráter de brincadeira, de exercitar o corpo com prazer, de fornecer sentido e significado à linguagem do corpo em movimento. Esse movimento apontou ser a “gramática” do corpo, aprendida pelo aluno dessas escolas em virtude não só pela ação da cultura local, mas pela falta de compreensão didático-pedagógica da Educação Física Escolar com o ensino dos demais conteúdos da “cultura corporal”.

### **Alguns Desvelamentos**

À alusão de um jogo de futebol, este ensaio “sai de campo” com alguns pontos de reflexão que sinalizam que estudar o processo de educação e constituição da linguagem do corpo, no terreno das práticas corporais manifestas ou latentes na forma de conteúdos curriculares da Educação Física, enquanto disciplina do Ensino Médio Noturno, na escola, requer lembrar aquilo que nos ensina Rivière (1996): temos que olhar o *corpo* das pessoas, em especial aqui dos alunos, “para discorrer sobre a maneira como os homens o modelam, sobre as técnicas mágicas, religiosas, reais ou simbólicas que utilizam para mantê-lo e aperfeiçoar seus desempenhos”. Talvez aí possamos “compreender as maneiras como os homens, segundo as diferentes sociedades, se serviram de seus corpos”. Essa leitura pode notar que “a gramática corporal” é impressa no corpo do aluno, a partir de experiências vivenciadas no

cotidiano das aulas, e influenciada pelos respectivos efeitos político-pedagógicos desse processo de formação do sujeito.

Os aspectos analisados nos asseguraram que realizar um estudo dos conteúdos ensinados nas aulas de Educação Física, representa um possível caminho para pensar/repensar o papel social assumido pelos cursos de formação, em especial, de Educação Física e pela possibilidade de vir a serem os resultados de um relato motivador para reflexões a serem empreendidas por professores, alunos e pesquisadores.

A compreensão da linguagem própria do corpo no cotidiano da escola e da influência dos aspectos mencionados ao longo desse ensaio, em específico, aos respectivos efeitos políticos desse processo sobre a formação do sujeito, põe em saída do terreno da investigação uma contribuição com a discussão sobre as dimensões e as implicações das tarefas pedagógicas da Educação Física como elemento do currículo escolar que estimule o debate com perspectivas teórico-didáticas de proposições de formação de professores nessa área. Ao compreender a distância entre a teoria acadêmica e a prática escolar, entre a crença do professor e o desejo do aluno, entre a tarefa do espírito e o exercício do corpo, posições que parecem antagônicas no vir-a-ser daquilo que constitui a “gramática corporal” exercida na escola noturna de todos os dias, é talvez aí que está a lição que nos deixa Gudsdorf: “no confronto de cada um consigo mesmo”.

## Referências

- ANDRÉ, Marli E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BANDEIRA, Maria de L. **Antropologia**. Fascículo 1, 2, 3 e 4. Cuiabá: EDUFMT, 2000.
- BARNI, Mara J. e SCHNEIDER, Ernani J. **A educação física no ensino médio: Relevante ou irrelevante?** Instituto Catarinense de Pós-Graduação. vol. 1, n.º. 03, ago-dez/2003. Disponível em: [www.icpg.com.br](http://www.icpg.com.br). Acesso em 20/09/2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **A sociedade individualiza: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- Le Breton, David. **Sociologia do Corpo**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.
- DAYRELL, Juarez (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: EdUFMG, 1996.
- GOMES, Cleomar Ferreira. **Aulas de educação física para o ensino fundamental: um estudo sobre sua gramática corporal**. Cuiabá: EdUFMT, 2006, V. III, p. 193-205.
- MAUSS, Marcel **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

- MINAYO, Maria C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, A. B. **Educação Física no Ensino Noturno de 2º. Grau: um estudo participativo**. Campinas, 1998 – Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.
- RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SOARES, Carmem L. (org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2000.